

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS

GISELI GOTZ

**CONCEPÇÕES DE AULA: ANÁLISE DO PERFIL DOCENTE DOS ESTUDANTES
DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS DA UTFPR PATO BRANCO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO
2018

GISELI GOTZ

**CONCEPÇÕES DE AULA: ANÁLISE DO PERFIL DOCENTE DOS ESTUDANTES
DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS DA UTFPR PATO BRANCO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina de TCC II, do curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura.

Orientador: Prof^a. Dra. Franciele Clara Peloso

PATO BRANCO
2018

FOLHA DE APROVAÇÃO



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Giseli Gotz**

Título: **Concepções de aula: análise do perfil docente dos estudantes do Curso de Licenciatura em Letras da UTFPR Pato Branco**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em
29 / 11 / 2018, pela comissão julgadora:

Prof.ª Dra. Franciele Clara Peloso – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof.ª Ma. Lourdes Terézinha Graebin Parise – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

A folha original assinada encontra-se na Cordenação

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois sem ele, nada seria possível.

Agradeço a minha família, principalmente aos meus pais Márcio e Rosana Gotz por todo o incentivo e apoio ao longo desses anos e também por cada palavra de carinho e amor, que nunca faltou. Obrigada, mãe, por ser, além de minha professora de língua portuguesa, minha professora da vida, minha inspiração e por sempre me apoiar em tudo!

Agradeço às amigas que a Universidade me trouxe, em especial Angela Bedin, Gabriela Aiolfi, Janaina Zanin e Silvana Giongo. Vocês com certeza fizeram a diferença em todas as noites na UTFPR, tanto nas apresentações de trabalhos quanto nas jantãs e momentos que vivemos.

Agradeço ao meu namorado, Alexandre Rech, por me motivar, apoiar os meus projetos e não me deixar desistir nunca. Obrigada por sempre me ajudar e por todo amor compartilhado, principalmente nos dias mais tensos desse período.

Agradeço a minha orientadora maravilhosa, Franciele Clara Peloso, que foi essencial para o desenvolvimento desse trabalho. Obrigada por toda a motivação, incentivo e por buscar sempre o meu melhor.

Agradeço aos professores da UTFPR, por todos os conhecimentos, pela paciência e pelo comprometimento.

Por fim, agradeço a todos que estiveram comigo durante a faculdade, e que, de alguma maneira, contribuíram para minha formação.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

(Paulo Freire)

RESUMO

GOTZ, Giseli. **Concepções de aula**: análise do perfil docente dos estudantes do curso de Licenciatura em Letras da Ufpr Pato Branco. 2018. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Letras Português-Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

O presente trabalho tem como objeto de estudo a aula, considerando-a, em sua essência, como um ato pedagógico. Existem diversas problemáticas que envolvem a aula na atualidade e que dificultam o processo de aprendizagem. Nessa lógica, existem diversas concepções teóricas pedagógicas que podem permear e influenciar na aula e na didática do professor. Para tanto, a fim de entender como essas concepções se formam em um curso de licenciatura, uma pesquisa com professores em formação da UTFPR Pato Branco, do curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês, contendo duas perguntas relacionadas à concepção de aula desses foi realizada. Assim, foi possível analisar as respostas de estudantes do primeiro e oitavo período do curso supracitado, com um estudo comparativo das respostas aliadas às concepções teóricas apresentadas na fundamentação. Quanto aos resultados, foi perceptível que existem várias concepções em uma mesma turma, principalmente no primeiro período. No entanto, quando os alunos já tiveram a oportunidade de cursar a maioria das disciplinas da matriz curricular do curso e realizaram o estágio, essas concepções possuem mais uniformidade, pois grande parte das respostas dos alunos do oitavo período continham informações e opiniões parecidas. A maioria das respostas dos alunos concluintes do curso possuía relação com a Pedagogia Histórico-Crítica e com a Pedagogia Libertadora.

Palavras-chave: Concepções de aula. Professores em formação. Perfil docente.

ABSTRACT

SOBRENOME, Prenome do Autor do Trabalho. **Title of the working:** subtitle (if any). 2017. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Engenharia de Software. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Cornélio Procópio, 2017.

The present study aims to study the class, considering it, in essence, as a pedagogical act. There are several problems that involve the classroom at the present time and that hinder the learning process. In this logic, there are several theoretical pedagogical conceptions that can permeate and influence the teacher's classroom and didactics. Therefore, in order to understand how these conceptions are formed in a licentiate course, a research with UTFPR Pato Branco teachers, of the Letters Teacher Certification Program in Portuguese-English, containing two questions related to the conception of class of these students was carried out. Thus, it was possible to analyze the answers of students of the first and eighth period, of the above mentioned course, with a comparative study of the answers allied to the theoretical conceptions presented in the reasoning. Regarding the results, it was noticeable that there are several conceptions in the same class, especially in the first period. However, when students have already had the opportunity to attend most of the subjects of the curricular matrix of the course and have completed the internship, these conceptions have more uniformity, since a great part of the answers of the students of the eighth period contained similar information and opinions. Most of the students' responses to the course were related to Historical-Critical Pedagogy and to Liberating Pedagogy.

Keywords: Conceptions of class. Teachers in training. Teacher profile.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Correntes pedagógicas e papéis representativos.....	26
Tabela 02 – Destaques da EaD no século XX.....	33
Tabela 03 – Gerações da EaD no Brasil.....	34
Tabela 04 – Classificação de algumas respostas do primeiro período quanto a pergunta “o que é aula para você”.....	41
Tabela 05 – Classificação de algumas respostas do oitavo período quanto a pergunta “o que é aula para você”.....	48

LISTA DE SIGLAS

AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
EaD	Educação a Distância
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	15
2. A AULA E SUAS DIMENSÕES	18
2.1 AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS DA AULA NO BRASIL	22
2.2.1 Escola Tradicional.....	23
2.2.2 O Método Intuitivo.....	24
2.2.3 A Escola Nova	25
2.2.4 O Tecnicismo	27
2.2.5 A Pedagogia Histórico-Crítica	28
2.2.6 Pedagogia Libertadora.....	29
2.3 O MUNDO TECNOLÓGICO E A AULA	31
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	36
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	38
4.1 CONCEPÇÕES DE AULA NO PRIMEIRO PERÍODO.....	38
4.1.2 O que é aula para você?.....	39
4.1.3 Que Elementos são Importantes para uma Boa Aula?	42
4.2 CONCEPÇÕES DE AULA NO OITAVO PERÍODO	45
4.2.1 O que é aula para você?.....	46
4.2.2 Que elementos são importantes para uma boa aula?	48
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS.....	53

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho tem como objeto de estudo a *aula*, considerando-a, em sua essência, como um ato pedagógico. Sabe-se que a concepção de aula é muito importante quando se pensa em educação. Além disso, sabe-se que as escolhas teóricas dos docentes também são fundamentais para a elaboração da aula, visto que o professor que define como será o andamento do seu *quefazer* docente (FREIRE, 1996), quando interconecta teoria e prática e consegue vislumbrar o ato pedagógico que se materializa na aula. Ainda nessa perspectiva, outros aspectos essenciais são o planejamento e o plano de aula. Ambos visam nortear os caminhos que o professor irá percorrer durante a aula, sendo que, se o professor não planeja seus conteúdos, dificilmente conseguirá exercer uma boa atividade docente.

Sabemos que no Brasil, a área da educação passa por dificuldades tais como a precariedade dos cursos de formação inicial, políticas educacionais instáveis, baixa remuneração e desvalorização profissional. Além disso, outro fator que contribui para a problematização da educação é o fato de existir uma discrepância muito grande entre a educação privada e a pública. Há uma distribuição desigual de renda no país, o que afeta a permanência dos alunos nas escolas. De acordo com dados do Censo Escolar realizado entre os anos de 2014 e 2015 em parceria com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) cerca de 12,9% e 12,7% dos alunos matriculados na 1ª e 2ª série do Ensino Médio, respectivamente, evadiram da escola.

Outro fator que contribui para esse conjunto de dificuldades é que os alunos saem da Educação Básica, muitas vezes, sem o devido aprendizado. Fatos como esse, são comprovados com os resultados alarmantes do Exame Nacional do Ensino Médio, em que, de acordo com o INEP, a média geral na área do conhecimento de Linguagens, Códigos e Tecnologias foi 510,2, assim como a média de Matemática e suas Tecnologias foi 518,5, por exemplo. Assim, nossa hipótese é a de que a responsabilidade dessa lacuna na educação pode ser o resultado do investimento insuficiente do poder público na educação formal. Quando fazemos esse destaque, queremos evidenciar que consideramos insuficiente o investimento no desenvolvimento das políticas públicas voltadas à educação, o pouco reconhecimento dos profissionais da educação, o desprestígio dos cursos de licenciatura, a violação

dos processos de aprendizagem em detrimento do capital financeiro internacional, dentre outros aspectos, além dos investimentos de ordem financeira diretamente.

Nesse contexto, nos parece que a solução dos problemas da aprendizagem fica sob a responsabilidade, quase que unicamente, dos professores, uma vez que seu papel e sua organização são essenciais para que ocorra aprendizagem. Com isso, não estamos querendo dizer que o professor precisa dar conta de resolver todos os problemas que assolam a Educação, em especial no Brasil, e sim dizer que ele tem responsabilidade sobre o processo de ensino e de aprendizagem e é, profissionalmente, cobrado por isso. Nesse sentido, é fundamental abordar questões relativas à didática, já que é uma prática indispensável nos processos educativos formais.

Nessa lógica, Libâneo (2015, p. 641) afirma que “a didática articula a lógica da organização dos saberes a ensinar (dimensão epistemológica), a lógica dos modos de aprender (dimensão psicopedagógica), e a lógica da atuação no ensino das práticas socioculturais”. Dessa maneira, reconhecendo a didática como fator importante e capaz de orientar a formação de uma atividade educativa mais eficiente, cabe acentuar que a “formação de professores precisa buscar uma unidade no processo formativo que assegure relações teóricas e práticas mais sólidas entre a didática e a epistemologia das ciências” (LIBANEO, 2015, p. 647). Para tanto, destacamos que “*aula*” é uma das temáticas da didática. Aprofundar essa temática se faz importante à medida que aprofundamos questões inerentes à profissão docente.

Nesse sentido, a partir do exposto acima questionamos: O que é aula? Quais elementos contemplados configuram uma boa prática pedagógica e se corporificam na aula? A concepção de aula de cada professor influencia no perfil e na prática docente?

A partir desses questionamentos objetivamos analisar qual é o perfil docente que está se moldando durante a graduação de Licenciatura em Letras Português-Inglês, averiguando concepções sobre aula advindas dos professores em formação inicial. Especificamente, pretendemos: a) diferenciar sala de aula e aula; b) compreender as especificidades didático-metodológicas da aula; c) compreender e refletir sobre a aula no contexto tradicional e no contexto atual de mudanças e tecnologias; c) identificar a relação entre as concepções de aula dos estudantes do curso de Licenciatura em Letras da UTFPR/PB e a disposição histórica e atual de uma aula.

Frente ao exposto, é importante destacar que a profissão de professor(a) tem uma profunda importância na sociedade, visto que está extremamente ligada à formação de crianças e adolescentes, nos mais diferentes contextos. Assim, cada professor possui sua personalidade, suas características próprias de conduzir uma *aula*. Essas características se moldam desde suas experiências como aluno na educação básica e na graduação, quanto na experiência da prática.

Assim, nenhum professor(a) será igual ao outro(a), bem como nenhuma *aula* será igual a outra. Dessa forma, é importante compreender como essa concepção de aula se molda, tendo em vista que é com base nela que todo trabalho do professor é realizado. A “*aula*” assume a dimensão de organização do processo educativo, tempo e espaço de aprendizagem, de desconstrução e construção e não se vincula a um lugar específico” (SILVA, 2010, p. 37).

Tendo em vista a relevância da dinâmica de uma aula na aprendizagem dos educandos, é importante averiguar qual é a concepção de *aula* dos graduandos de licenciatura, uma vez que, eles serão futuros professores, responsáveis pela formação de muitas outras pessoas. Com efeito, essa pesquisa pretende analisar o perfil docente dos estudantes do curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco, quanto a sua concepção de “*aula*”, bem como quais são os elementos que esses estudantes consideram importantes para uma boa aula. Dessa maneira, será possível compreender alguns elementos sobre o perfil docente dos futuros professores.

Este trabalho está organizado em três seções, além das considerações iniciais, iremos apresentar, na primeira seção, uma revisão de literatura sobre os conceitos teóricos sobre a aula, bem como as concepções de Libâneo (2013), Saviani (1005), Silva (2010), além de outros teóricos acerca da aula e sua concepção histórica. Na segunda seção, os aspectos metodológicos serão descritos, incluindo o contexto e objetivo do estudo e os instrumentos usados para a coleta e análise dos dados. Na terceira seção, apresentaremos a análise dos dados das pesquisas realizadas com os estudantes universitários de primeiro e oitavo período sobre o objeto de estudo. Por fim, serão apresentadas algumas considerações finais sobre o exposto no decorrer do estudo.

2. A AULA E SUAS DIMENSÕES

Partindo dos pressupostos já apontados na seção acima, é importante salientar que a maneira com que o professor leciona sua aula, está diretamente relacionada com as leituras que faz do mundo e das ideologias que acredita. Por conseguinte, “por meio da ação educativa o meio social exerce influências sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e recriarem essas influências, tornam-se capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora em relação ao meio social” (LIBÂNEO, 2013, p. 15).

Dessa forma, dar uma aula é uma forma política de se colocar e colocar os estudantes na realidade. Além disso, o ato de dar uma aula também tem relação com as escolhas didático-metodológicas do professor, sendo que essas escolhas determinam quais os rumos que a aula poderá tomar. Nessa perspectiva, Libâneo (2013, p. 78) afirma que “a dimensão educativa do ensino [...] requer do professor uma compreensão clara do significado social e político do seu trabalho, do papel da escolarização no processo de democratização da sociedade, do caráter político-ideológico de toda educação”.

Diante disso, com o intuito de refletir sobre os conceitos relacionados à aula, apresentamos alguns pressupostos que norteiam esta pesquisa. Nesse sentido, que há a necessidade de compreender duas realidades: a *sala de aula* e a *aula*, que apesar de estarem estreitamente relacionadas, passaram por contextos e histórias diferentes.

Discutir sobre sala de aula e aula é muito importante para entender o funcionamento de ambas. Apesar de aparentarem semelhança, possuem algumas características expressivas que as diferem e que precisam ser detalhadas. Cabe salientar que esses conceitos transcendem uma concretude, uma vez que representam um espaço de formação humana que são “ressignificados cotidianamente, assumem a condição de possibilidade de construção de uma nova realidade” (SILVA, 2011, p. 16). Nessa lógica, “buscar entender a aula é, acima de tudo, refletir sobre os espaços onde ela acontece” (SANTOS; INFORSATO, 2011, p. 80).

Assim, a sala de aula é o local convencionado para que a aula ocorra. O termo sala de aula começou a ser utilizado no final do século XVIII, com referência ao local que ocorria a aula universitária, focando sobretudo em elementos da cultura clássica e do latim. Durante muito tempo não houve a preocupação em atender crianças

separadas de acordo com a idade, apesar de que, já na Idade Média, já fosse possível se vislumbrar o desejo por um processo de alfabetização para as crianças, o qual se concretiza somente há alguns séculos depois. (SILVA, 2010, p. 17).

A igreja, como bem sabe-se, teve uma grande influência em todo o processo, tendo em vista que, a partir dos fundamentos calvinistas os termos como currículo, aula e métodos foram adotados. Houve também grande influência de Igreja Católica com a Companhia de Jesus, em que os jesuítas repassavam seus fundamentos sobre a educação e catequizavam os povos. A partir dessas influências, a aula começa a ser delineada, “mesmo diante de indagações sobre “o que” transmitir e “como” deveria ocorrer essa transmissão, questões que suscitam debates sobre a organização, a execução e a avaliação da aula e que nos convidam a investigá-la” (SILVA, 2010, p. 19, grifos do autor).

Levando em consideração todo o histórico pelo qual a aula passou, corroboramos que

devemos entender a aula como o conjunto dos meios e condições pelos quais o professor dirige e estimula o processo de ensino em função da atividade própria do aluno no processo da aprendizagem escolar, ou seja, a assimilação consciente e ativa dos conteúdos. Em outras palavras, o processo de ensino, através das aulas, possibilita o encontro entre os alunos e a matéria de ensino, preparada didaticamente no plano de ensino e nos planos de aula. (LIBÂNEO, 1994, p. 45).

Dessa maneira, na perspectiva atual, a concepção de aula foi amadurecendo e, dessa forma, “métodos pedagógicos foram sendo desenvolvidos e aplicados no processo educacional, observando naturalmente as exigências estabelecidas pelo discurso vigente, bem como a política estatal voltadas para esse segmento” (SILVA, et al., 2012 p. 50). Novas interpretações acerca do ato de educar surgiram e propuseram uma nova organização escolar, por idade/nível de aprendizagem, que condizem com o modelo atual de aula.

Nessa perspectiva, a sala de aula é um espaço onde ocorre essa aprendizagem e há troca de conhecimento. Santos e Inforsato (2011, p. 81) alegam que não é possível delimitar a sala de aula a um local fechado, limitado e delimitado para esse fim. Esse é um primeiro engano, segundo eles, pois se levarmos em conta que a sala de aula é um espaço para aprendizagem, ela pode ser todo e qualquer espaço físico destinado a esse fim.

Existem, portanto, uma aprendizagem que ocorre fora do espaço formal da sala de aula e que pode ocorrer de diversas maneiras. À vista disso, “o ato de aprender não se dá apenas nas chamadas salas de aula, mas em todo espaço de convivência

onde haja estímulo e solicitação para que a criança assimile uma informação nova, um fato ou mesmo um conceito” (SANTOS; INFORSATO, ??, p. 81).

Contudo, se, por um lado, é importante conhecer e valorizar o ensino que acontece informalmente, Santos e Inforsato (???) afirmam que é preciso entender a importância e a funcionalidade de uma aula bem planejada nos espaços formais e dentro dos conjeturados pedagógicos esperados em uma escola. Nesse sentido, Libâneo alerta que “o termo aula não se aplica somente à aula expositiva, mas a todas as formas didáticas organizadas e dirigidas direta ou indiretamente pelo professor, tendo em vista realizar o ensino e a aprendizagem” (LIBÂNEO, 2013, p. 196). Essa afirmativa do autor, nos permite admitir a existência e validade de mais de uma forma de “dar aula”, embora existam objetivos que devem ser considerados para que a aprendizagem seja alcançada

Para Libâneo (2013, p. 197), as aulas devem possuir alguns objetivos, tais quais:

- Ampliação do nível cultural e científico dos alunos [...];
- Seleção e organização das atividades dos alunos que possibilitem desenvolver sua independência de pensamento, a criatividade e o gosto pelo estudo;
- Empenho permanente na formação de métodos e hábitos de estudo;
- Formação de habilidade e hábitos, atitudes e convicções que permitam a aplicação de conhecimentos na solução de problemas.
- Desenvolvimento das possibilidades de aproveitamento escolar de todos os alunos [...];
- Valorização da sala de aula como meio educativo [...];
- Condução do trabalho docente na classe, tendo em vista a formação do espírito de coletividade, solidariedade e ajuda mútua sem prejuízo da atenção às peculiaridades de cada aluno.

Em concordância com os postulados do excerto acima, acreditamos que a aula deve ser um espaço de aprendizado mútuo, tanto do professor, quanto do aluno. Em suas afirmações, Libâneo (2013) sempre ressalta a importância de nos preocuparmos com a individualidade dos estudantes, o que é essencial. Desenvolver na aula as características mencionadas contribui para a formação de seres humanos mais críticos, responsáveis e capazes de aplicar conceitos e conhecimentos em sua vida prática.

O professor é um elemento chave para a construção do conhecimento, sem ele educar se torna muito mais difícil. “Para que as relações entre a escola e a sociedade se estabeleçam em novos moldes é preciso, simultaneamente, investir positivamente os poderes dos professores” (NÓVOA, 1994, p. 42). Dessa forma, fica a cargo do professor direcionar caminhos aos alunos, e é por isso que ser professor demanda

grande responsabilidade e uma boa formação, tendo em vista que é responsável pelo futuro de muitos estudantes.

Todavia, os professores de hoje se encontram perante diversos paradoxos.

Por um lado, são olhados com desconfiança, acusados de serem profissionais medíocres e de terem uma formação deficiente; por outro lado, são bombardeados com uma retórica cada vez mais abundante que os considera elementos essenciais para a melhoria da qualidade do ensino e para o progresso social e cultural. Pede-se-lhes quase tudo. Dá-se-lhes quase nada. (NÓVOA, 1994, p. 42)

Assim, essa é a grande problemática da atualidade quando se debate sobre a docência. Os professores são demasiado cobrados tanto quanto pela sociedade, quanto pelo poder público. Contudo, possuem uma demanda muito grande de alunos, as quais possuem níveis diferentes de aprendizagem. Também não possuem todos os materiais que contribuiriam para uma melhor internalização dos conceitos apresentados, além de terem muitas turmas e pouco tempo para efetivamente planejarem suas aulas. Nessa perspectiva, a situação do professor no período histórico atual é crítico. Entende-se, diante desse panorama, que os professores têm um desafio com a educação. Se os papéis sociais estão se alterando, é importante também que as concepções acerca da profissão docente sejam repensadas, sobretudo porque seu objeto de trabalho perpassa diretamente pela condição existencial das pessoas. No entanto, parece que o trabalho realizado pelos professores está pautado em questões que não condizem com o movimento da realidade, tampouco com a essencialidade do papel do educador. Desta maneira, o professor reproduz um paradigma regulado por realidades incompatíveis com as demandas da sociedade atual.

Frente ao exposto, afirmamos que é preciso valorizar o trabalho que faz o professor, bem como esse precisa entender qual é a sua responsabilidade social e estar consciente dos contextos que faz parte. Assim, Paulo Freire (1996, p. 14) alerta que a essencialidade do papel do educador, está em sua tarefa docente, que não é de apenas ensinar os conteúdos, mas além disso ensinar a pensar certo. Por isso, é impossível deixar que o professor seja apenas aquele que memoriza, que se preocupa somente com repetir. O professor que não consegue ser crítico, não consegue fazer conexões sobre diversos assuntos e “repete o lido com precisão, mas raramente ensaia algo pessoal. Fala bonito de dialética mas pensa mecanicistamente” (FREIRE,

1996, p. 14), atua de forma vazia, é como se tudo que ele leu de nada fosse útil para aplicar nos contextos da realidade.

Sob essa perspectiva, se o professor já foi transmissor, autoritário, que tinha os alunos como seus submissos, alguém, cujo papel era estimular a memorização de conteúdos, hoje sua posição precisa ser muito diferente. É importante que a aula assuma outros elementos e que esteja afinada com o movimento do mundo, que leve em conta dimensões estruturais tecnológicas e de diferentes formas de se relacionar com os conteúdos curriculares, que seja dialógica e que professor e aluno possam ser capazes de emitir opiniões e trocar conhecimentos. É claro que sempre numa disposição de respeito de ambas as partes.

2.1 AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS DA AULA NO BRASIL

Nesse capítulo, abordaremos como se deu a transformações das concepções pedagógicas que moldaram a aula no Brasil. Segundo Libâneo (2015, p. 59), desde os primeiros tempos existem indícios de que haviam formas de instrução e aprendizagem. Dessa forma, entender as concepções existentes nos servirá de base para compreender melhor o panorama atual da aula juntamente com outros aspectos e elementos que envolvem a aula, já que levamos em consideração que os elementos históricos são fundamentais para entender o contexto atual.

Assim, em um primeiro momento trabalharemos com as concepções pedagógicas que já perduraram na sociedade brasileira. Em especial, a Escola Tradicional, a Escola Nova, o Tecnicismo, Pedagogia Histórico-Crítica e Pedagogia Libertadora. Pretendemos entender quais foram as principais características que emolduram cada aula delas, para que, posteriormente, possamos aliar esse referencial com as análises.

Ademais, nesta mesma seção, também abordaremos a aula aliada ao uso das tecnologias, uma vez que essas estão inseridas e já fazem parte do contexto escolar. Dentro desse meio tecnológico, o ensino da Educação a Distância também será discutido, tendo em vista que é uma realidade presente na sociedade e que possui a tendência de crescer cada vez mais. Em síntese, há uma preocupação em fundamentar os constituintes de uma aula, bem como os elementos para que ela se realize.

2.2.1 Escola Tradicional

A Escola Tradicional e suas teorias exercem influências no sistema educacional até hoje. Ela surgiu a partir dos sistemas nacionais de ensino e se estabeleceu no início do século XIX, com “crença no poder da escola e em sua função de equalização social” (SAVIANI, 1999, p. 19). Ainda de acordo com Saviani (1999, p. 17), o papel das escolas era de difundir a instrução, repassar os conhecimentos que foram acumulados pela sociedade. O autor ainda alega que o professor transmite os conhecimentos e cabe ao aluno entender o que lhes foi transmitido.

Além disso, as escolas eram estruturadas na forma de classes, sendo que cada uma delas continha um professor que fazia a exposição de seus conteúdos e aplicavam exercícios, os quais os alunos deveriam realizar com muita disciplina (SAVIANI, 1999, p. 18). Percebe-se, de tal maneira, que nessa lógica o professor é quem detém o conhecimento e o aluno apenas tem a função de recebê-lo. Dessa maneira, podemos considerar que a escola tradicional, estava “inserida numa sociedade que busca freneticamente o lucro e a produtividade. Impregnada por tais princípios, tornou-se um instrumento eficaz de seleção e de manutenção das hierarquias sociais” (DINIZ; FRANCO; 2009, p. 243).

Entretanto, Saviani (1999, p. 18) alerta que a empolgação causada pelas táticas e propostas da escola tradicional, sucedeu a uma decepção. Isso porque, além de não fazer com que todos os alunos fossem bem-sucedidos na busca pelo aprendizado, ainda teve que lidar com o fato de que nem todos se ajustavam com o modelo de sociedade que essa pedagogia visava consolidar. A partir dessas constatações, críticas surgiram e outras perspectivas foram instauradas.

Nessa lógica, nessa corrente não eram valorizadas a individualidade e singularidade de cada indivíduo. A maior preocupação era relacionada com as necessidades do mercado – o que visava a seleção e conseqüentemente exclusão social. A escola, então, não se constitui como um espaço que amenize ou acabe com as desigualdades. Na verdade, o que é possível perceber é que a escola não é neutra nessa perspectiva, como tampouco pode ser considerada como ingênua (DINIZ; FRANCO, 2009, p. 244).

É válido salientar que, por mais que muito tempo tenha passado, alguns professores da atualidade ainda acreditam que as teorias e pressupostos da Escola

Tradicional sejam os únicos eficazes. A não valorização da individualidade de cada aluno, bem como a preparação de seres voltados apenas ao mercado de trabalho é uma realidade brasileira.

2.2.2 O Método Intuitivo

No Brasil, a preocupação em um espaço que pudesse contemplar as crianças da escola primária começou na segunda década do século XIX. Alguns estudos desse período afirmam que houve discussão intensa sobre a escolarização da população. Dessa maneira, diversas leis provinciais na década de 1830 tornaram obrigatória a frequência à escola (SILVA, 2010).

Ainda nesse período, “o Distrito Federal (RJ) e o estado de São Paulo foram os primeiros a implementar reformas que resultavam em um sistema público de ensino primário gratuito” (SILVA, 2010, p. 25). Assim, começou a se moldar a educação pública do país. Ainda nesse período, iniciou-se discussões sobre o ensino mútuo a respeito da organização da aula, indicando a necessidade de novos espaços e uma preocupação maior com a formação do professor.

Em 1870, Silva (2010) ressalta que se começou a pensar sobre os métodos de ensino. Houve então, em um primeiro momento, a defesa pelo método intuitivo, em que havia uma nova percepção sobre o processo de ensino-aprendizagem. Esse método “deu ênfase à intuição e observação como momentos de aprendizagem, bem como à necessidade de observância dos ritmos dos alunos” (SILVA, 2010). Assim, o método intuitivo procura ser capaz de reverter a problemática do ensino.

Esse método já era conhecido pelo mundo, mas foi abordado, principalmente, em 1851, na Exposição Internacional realizada em Londres e em outras exposições e congressos que aconteceram posteriormente. No princípio, ele se baseava-se no ensino elementar do desenho. Assim, quem abordou o método no sentido de estudos específicos foi Mme. Pape-Carpentier, em 1867. As ideias dele se destacaram muito na educação brasileira quanto à educação de sentido. Centrava-se nas lições de coisa, que eram momentos que o professor criava condições para que os alunos pudessem ver, sentir e observar os objetos (SILVA, 2010). Ainda havia a utilização de recursos didáticos provindos do próprio ambiente do aluno. Existem vários registros da utilização de sua metodologia na capital do Império (SCHELBAUER, 2006, p. 2).

Além disso, Schelbauer (2006, p. 4) afirma que a ideia se estendeu a aplicações das lições de coisas ou do método natural das salas de asilo para o ensino primário, no qual as aulas, até então, eram ministradas com muita teoria e livros de difícil compreensão. Nesse viés, o ministrar das aulas ocorreu de forma mais prática e mais viva, o que era feito com as lições de coisas.

Essa metodologia para aula foi firmada pelo Decreto n. 7.247, de abril de 1879 (ABREU, 2017). Nesse intuito, a aula teve um novo modelo, baseada as lições, período em que os alunos poderiam ver, sentir e observar objetos. Ademais, outros recursos didáticos eram utilizados como estratégia de ensino. Também, nessa época pensou-se em seriação e uniformização dos conteúdos, que contribuíram para a formação dos conteúdos em quatro anos de ensino primário (SILVA, 2010, p. 30).

Deste modo, a preocupação escolar se transformou. “A prática era determinada pela teoria que a moldava lhe fornecendo tanto o conteúdo como a forma de transmissão pelo professor, com a conseqüente assimilação pelo aluno” (SAVIANI, 2005, p. 2).

Em maior ou menor proporção, os princípios do método estavam sendo introduzidos nos sistemas de ensino, abrangendo os jardins de infância, as escolas primárias e os cursos de formação de professores, o que levou a sua identificação como “o método do ensino popular (SCHELBAUER, ??, p.2)

Todavia, algumas questões foram consideradas problemáticas quanto ao método intuitivo. Uma dessas, foi a aplicação incorreta e malfeita dos princípios defendidos, em que a aprendizagem ocorreria sem esforços, somente pela simples observação das coisas ou com conversas agradáveis. Quanto a questão na sociedade brasileira, essa problemática também esteve presente e o que acelerou a polêmica foram as questões políticas do final do império e também as propostas de uma educação mais inclusiva, que fosse disponibilizada para as classes populares.

2.2.3 A Escola Nova

O filósofo Jean-Jacques Rousseau propôs algumas concepções que seriam essenciais ao ensino, mas não conseguiu as colocar e prática. Contudo, um movimento de renovação da educação foi inspirado nos seus ideais: a Escola Nova. Essa tendência iniciou-se no século XX, mas anteriormente já haviam alguns pedagogos e filósofos que propunham uma renovação do modelo educacional vigente (LIBÂNEO, 2013, p.64).

Nessa perspectiva, uma nova concepção de aula surgiu. Com o movimento da Escola Nova ganhando visibilidade, implementou-se a aula escolanovista, que tinha ênfase em métodos e nas técnicas de ensino. Essa concepção propunha uma escola como um mecanismo capaz de reestabelecer o equilíbrio social. Ainda visava a escola unificada para todos, laica, gratuita, obrigatória e que não permitia a separação entre sexos. Com uma grande inovação para os parâmetros do período, os ideais da Escola nova se tornaram efetivos naquele século.

Nesse viés, o principal foco desse modelo estava relacionado com a prática e a teoria, no qual

a prática determina a teoria. Esta deve se subordinar àquela, renunciando a qualquer tentativa de orientá-la, isto é, de prescrever regras e diretrizes a serem seguidas pela prática e resumindo-se aos enunciados que vierem a emergir da própria atividade prática desenvolvida pelos alunos com o acompanhamento do professor (SAVIANI, 2005, p. 2).

Dentro do movimento escolanovista, desenvolveu-se uma das mais conhecidas correntes: a Pedagogia Pragmática, que tinha como principal representante John Dewey. Assim, no Brasil, tendo como líder Anísio Teixeira, em 1930 deu-se início ao Movimento dos Pioneiros da Escola Nova, “cuja atuação foi decisiva na formulação da política educacional, na legislação, na investigação acadêmica e na prática escolar (LIBÂNEO, 2013, p. 65).

Nesse novo panorama, a escola não é mais uma “preparação para a vida, é a própria vida; a educação é o resultado da interação entre o organismo e o meio através da experiência e da construção da experiência” (LIBÂNEO, 2013, p. 65). Assim, a criança se torna o centro do processo educativo, que ainda hoje possui uma validade considerável.

Cabe salientar que o movimento escolanovista ajudou no desenvolvimento de várias correntes, sendo a mais conhecida a progressista. Além dessa, a corrente vitalista, representada por Montessori, teorias cognitivistas, fenomenológicas e a teoria interacionista baseada na psicologia de Jean Piaget também foram destaques desse período histórico.

Todavia, apesar de todos esses diferenciais, em que algumas práticas ainda são plicadas na realidade atual, esses quesitos para o desenvolvimento de uma aula não foram suficientes para transformar e reorganizar as práticas tradicionais, que até então eram consolidadas. Essa resistência para com a tendência tradicional, de

acordo com Saviani (2005, p.9), aconteceu, principalmente, na década de 1930, e foi motivada hegemonicamente pela Igreja Católica.

Com base nessa “pedagogia integral” os católicos operaram a crítica à Escola Nova. Esta, colocando a criança no centro da escola, o que está correto, pois é para ela que existe a educação, acabava, no entanto, confundindo a realidade com o ideal e, assim, tomando a criança como o ideal da pedagogia (SAVIANI, 2005, p. 12)

2.2.4 O Tecnicismo

Tendo em vista o panorama citado nas seções anteriores, Silva (2010, p. 33) alerta para a implementação de uma nova perspectiva no Brasil: a tecnicista. Ela surge na década de 1960 e objetiva, basicamente, a aprimoração da mão de obra, visando o aumento da produtividade. Nessa lógica, a aula e a educação tornam-se de baixa qualidade, com altíssimos níveis de evasão e repetência. As influências dos ideais de Frederick Taylor e de Skinner são fundamentais para o andamento dessa concepção, assim, a educação passa a ser desvinculada de questões sociais.

A aula tecnicista é invadida por materiais de instrução programa e instrução modelar, técnicas e recursos audiovisuais e forte utilização do livro didático, enfatizando a tendência de reprodução da realidade por modelos predefinidos, fortalecendo a ideologia política do momento [...]. Sempre, ao final do processo, há ênfase no produto acabado, desconsiderando a educação como processo (SILVA, 2010, p.34)

Ademais, o tecnicismo e a questão técnica de ensino estavam atrelados. Essa perspectiva foi “assumida como orientação oficial do grupo de militares e tecnocratas que passou a constituir o núcleo do poder a partir do golpe de 1964” (SAVIANI, 2005, p. 19). Além disso, Saviani (2005, p. 19) alerta que essa nova visão escolar já se manifestava no Fórum denominado “A educação que nos convém”, que foi realizado em 1968, na cidade do Rio de Janeiro, com a colaboração da PUC-Rio. O autor ainda afirma que a perspectiva tecnicista possuía base produtivista.

Em síntese, “a educação passou a ser entendida como algo não meramente ornamental, um mero bem de consumo, mas como algo decisivo do ponto de vista do desenvolvimento econômico, um bem de produção, portanto” (SAVIANI, 2005, p. 19). Além do mais, houve a valorização da ciência e da utilização dos meios tecnológicos (ISKANDAR; LEAL, 2002, p. 4).

Na escola tecnicista, professores e alunos ocupam papel secundário dando lugar à organização racional dos meios. Professores e alunos relegados à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle, ficam a cargo de especialista supostamente

habilitados, neutros, objetivos, imparciais (ISKANDAR; LEAL, 2002, p. 4, *apud* SAVIANI, 1993, p. 24).

De maneira geral, podemos afirmar que a aula tecnicista é invadida por materiais que visam modelar, trazer técnicas, e fazendo muito o uso do livro didático como ferramenta de ensino, o que dá ênfase a tentativa de reproduzir a realidade por meios pré-definidos. Em grande parte das vezes, não há a preocupação com o processo educativo, e sim com o produto acabado.

2.2.5 A Pedagogia Histórico-Crítica

Tendo em vista essa polêmica concepção da educação vinculada ao tecnicismo, a pedagogia histórico-crítica começa a ser sistematizada em 1979 por Dermeval Saviani e vislumbra uma outra escola possível. Nessa outra abordagem, “a aula supõe a presença de professor e aluno; o ato “de dar aula” é indissociável da produção desse ato e também de seu consumo, o que atribui ao professor a responsabilidade por pensar o seu trabalho” (SILVA, 2010, p.34).

Desse modo, essa concepção vinha com muitas diferenças aos meios tecnicista, além de se contrapor também ao ideal escolanovista, na medida em que, “ao desviar o foco dos meios, recursos e técnicas de ensino para os conteúdos, considerando-os importantes instrumentos de luta numa sociedade marcadamente desigual” (SILVA, 2010, p. 35). Essa pedagogia possui relação com a concepção dialética, essencialmente quanto à versão do materialismo histórico (SAVIANI, 2005, p.36).

Nesse sentido, a educação, conforme aborda Saviani (2005, p. 36) é entendida como o ato de produzir, tanto direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular. Ele alerta que nessa lógica educativa, a educação é entendida como mediação no âmbito da prática social global. A prática social se coloca como o ponto de partida e o ponto de chegada da prática educativa.

Daí decorre um método pedagógico que parte da prática social onde professor e aluno se encontram igualmente inseridos ocupando, porém, posições distintas, condição para que travem uma relação fecunda na compreensão e encaminhamento da solução dos problemas postos pela prática social, cabendo aos momentos intermediários do método identificar as questões suscitadas pela prática social (problematização), dispor os instrumentos teóricos e práticos para a sua compreensão e solução (instrumentação) e viabilizar sua incorporação como elementos integrantes da própria vida dos alunos (catarse) (SAVIANI, 2005, p. 36).

Dessarte, é possível perceber que a aula passou por diversas mudanças, que foram relacionadas, principalmente, com seus objetivos para seus receptores (alunos). É importante salientar, que essas concepções são responsáveis não só pela educação, e sim por todos os meios e questões da sociedade, uma vez que a educação perpassa por inúmeras questões.

2.2.6 Pedagogia Libertadora

No final dos anos de 1960, pautada na prática da educação popular, configura-se o início da Pedagogia Libertadora. Ela tem datações próximas com o fim do regime militar e propõe uma educação mais crítica e que procura diminuir as desigualdades da sociedade. Essa perspectiva foi formulada por Paulo Freire, e entende que a construção do conhecimento deve ser realizada por meio do diálogo entre educador e educando. “A Pedagogia Libertadora não tem uma proposta explícita de Didática e muito dos seus seguidores, entendendo que toda didática resumir-se-ia ao seu caráter tecnicista, instrumental, meramente prescritivo, até recusam admitir essa disciplina na formação de professores” (LIBÂNEO, 2013, p. 72).

Dessa maneira, Libâneo (2013, p. 73) ressalta que o trabalho escolar não está apenas relacionado com a sistematização de conteúdos e sim com o processo ativo de participação dos estudantes em ações práticas e que estão relacionadas com a sua realidade. No decorrer desse processo em que há um diálogo constante, ocorrem trocas de experiências vividas, pesquisa participante, trabalhos em grupo e outras atividades que permitiam a dialogia. De acordo com o autor, é uma didática que procura desenvolver o processo ocorrido nos grupos sociais e por isso, o professor é um animador, um coordenador e um mediador, que trabalha em ações conjuntas.

Além disso, a Pedagogia Libertadora pode ser utilizada em diferentes espaços educativos com o objetivo de politização no sentido de compreensão da realidade, uma “parte desse êxito se deve ao fato de ser utilizada entre adultos que vivenciaram uma prática política onde o debate sobre a problemática econômica, social, política pode ser aprofundado com a orientação de intelectuais comprometidos com os interesses populares” (LIBÂNEO, 2013, p. 73). Nesse viés, essa perspectiva trouxe consigo uma nova forma de pensar em vários âmbitos, sendo que, a criticidade é fato preponderante.

Ademais, Saviani (2005, p.25) apresenta alguns passos que são seguidos por essa pedagogia. Segundo o filósofo e pedagogo, essa proposta suscita

um método pedagógico que tem como ponto de partida a vivência da situação popular (1º passo), de modo a identificar seus principais problemas e operar a escolha dos “temas geradores” (2º passo), cuja problematização (3º passo) levaria à conscientização (4º passo) que, por sua vez, redundaria na ação social e política (5º passo).

Em suma, cada concepção histórica existente até as que estão sendo firmada na contemporaneidade retratou/retrata um momento histórico e as condições pelas quais professores e alunos conviviam. É notável que a organização, a estrutura e os moldes nos quais a aula é levada em consideração não são os mesmo que há 100 anos, o que reflete um perfil de transformação dessa. É interessante comparar os avanços e mudanças ocorridas. A partir disso, para que ficasse mais claro o papel de cada agente nas concepções históricas estudadas acima, elaboramos uma tabela, que poderá facilitar o entendimento de como isso ocorreu.

Tabela 01: Correntes pedagógicas e papéis representativos

Corrente Pedagógica	Papel do Professor	Papel do Estudante	Concepção de aula
Tradicional	O professor transmite os conteúdos na forma de verdade que deve ser assimilada	O aluno acumula conhecimento enciclopédico. Deve ser disciplinado e deve respeitar a autoridade do professor. Sua individualidade não é considerada.	Transmissão de cultura. Se os aspectos lógicos forem respeitados, o resultado esperado será alcançado.
Escola Nova	O professor deve mediar o contexto de aluno com a aprendizagem.	O estudante deve “aprender a aprender”. O processo é levado em consideração aliado com o interesse do aluno.	Para ser bem-sucedido, o aluno depende dele próprio, sendo que o estímulo provém de elementos externos.
Tecnicismo	O professor precisa aplicar, com as devidas técnicas, o que preveem as normas.	O estudante deve aprender a fazer por meio das técnicas, seguir o cronograma e as instruções propostas. Precisa fixar o conteúdo.	A aula tecnicista é invadida por materiais que visam modelar, trazer técnicas. Há muito o uso do livro didática. Tentativa de reproduzir a realidade por meios pré-definidos. Preocupação apenas com o produto.

Histórico-Crítica	O professor é o mediador entre o saber e o aluno de maneira dialógica. Ele tem a responsabilidade por pensar o seu trabalho	O estudante age como participante de sua própria aprendizagem.	A aula supõe a presença de professor e aluno; o ato “de dar aula” é indissociável da produção desse ato e também de seu consumo.
Libertadora	Há uma relação horizontal de professor e aluno, que está voltada ao ato de conhecer.	O estudante deve refletir sobre a realidade em que vive, as desigualdades e as opressões.	Nessa concepção, os temas estudados são pautados na vida dos alunos. Há interação e participação de ambos na aula.

2.3 O MUNDO TECNOLÓGICO E A AULA

É de consenso geral que a tecnologia modificou as relações pessoais e profissionais de toda sociedade. Não poderia ser diferente com a educação: a aula sofreu e sofre constantes modificações em decorrência da evolução desse meio. É importante, assim, que o professor esteja atento e conectado à esse novo mundo para que consiga articular e (re)organizar seu trabalho. Assim, o professor precisa ajudar os alunos a lidar com essa conjuntura de informações, que pode tanto quanto ajudar quanto dificultar a aprendizagem dos estudantes.

Por consequência, essa tarefa exige do professor, que precisa saber racionalizar para que não regresse para o período em que o aluno é apenas o receptor de informações, sem nenhuma outra perspectiva. É claro que há ainda alguns educadores que mantêm sua visão tradicional de ensino, em que o educador é apenas a “tábula rasa”. É importante sublinhar o fato de que a utilização dos recursos tecnológicos descolados de reflexões pedagógicas podem tornar o processo de e de aprendizagem um ato unicamente mecânico.

Frente ao exposto, consideramos que mesmo com a adição dos recursos tecnológicos em sala de aula, o professor, independente da maneira que opte por trabalhar com essas ferramentas, exerça seu papel com a qualidade que se espera de dentro dos princípios didáticos-pedagógicos. Como Paulo Freire (1996, p. 33) já nos alertou:

o fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não

apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.

Dessa maneira, é fundamental que o professor saiba como utilizar os novos meios tecnológicos e que tente entender seu funcionamento de forma didático-pedagógica. Se esquivar, ou acreditar que eles não são importantes no processo de ensino-aprendizagem é o mesmo que regredir, uma vez que, cada vez mais eles estarão inseridos no meio de convívio das pessoas.

Nesse novo panorama educacional, também surge uma nova forma de ensino, provinda justamente da globalização e do avanço tecnológico: a educação a distância (EaD). Nessa modalidade de educação professores e alunos estão separados fisicamente, tanto no espaço quanto no tempo. A comunicação entre eles acontece por meio da internet, com uso intenso da tecnologia e pode ou não apresentar momentos em que ocorram encontros presenciais. Um exemplo disso, é que em videoconferências é comum que os alunos estejam juntos, mas não no mesmo ambiente que o professor. Já quando o estudo acontece pela internet, professores e alunos estão em locais diferentes e acessam o material didático em momentos diferentes. Tais exemplos ilustram as diferentes possibilidades proporcionadas pela EaD (VILLAÇA, 2010, p. 91).

A história dessa modalidade de educação no Brasil tem um percurso extenso, que percorreu várias trajetórias que influenciaram no modelo atual. Por isso, a tabela abaixo ilustrará alguns destaques importantes da EaD no país, no século XX, de acordo com Villaça (2010, p. 93):

Tabela 02 – Destaques da EaD no século XX

Década de 1920	Criação da Radio Sociedade do Rio de Janeiro por Roquette Pinto (MAIA e MATTAR, 2007; CARLINI e TÁRCIA, 2010)
1939	Instituto Monitor (MAIA e MATTAR, 2007; CARLINI e TÁRCIA, 2010)
1941	Instituto Universal Brasileiro (MAIA e MATTAR, 2007; CARLINI e TÁRCIA, 2010)
1947	Universidade do Ar – fundada por SENAC e SESC e emissoras associadas (MAIA e MATTAR, 2007);

1970	Projeto Minerva (MAIA e MATTAR, 2007);
1977	Telecurso – da Fundação Roberto Marinho (MAIA e MATTAR, 2007)

Fonte: (VILLAÇA, 2010, p. 94)

Quanto às referências realizadas acima, a Radio Sociedade do Rio de Janeiro, doada ao Governo Brasileiro em 1936 e hoje intitulada de Rádio MEC, possui um interessante acervo de músicas e conteúdos da época. Dentre esses conteúdos, havia literatura, divulgação científica, curso de alemão e outros que eram o sonho de seu fundador Roquette Pinto.

Ainda nessa lógica, já em 1939, o Instituto Monitor instalou-se. Esse, é considerado a pioneiro em Cursos a Distância. Logo em seguida, em 1941, é fundado o Instituto Universal Brasileiro, que foi a segunda escola a distância fundada no Brasil e que possuiu grande representação entre as décadas de 60 e 80.

Alguns anos mais tarde, se estabelece a Universidade do Ar. De acordo com Romero (2014, p. 13), essa era direcionada para os professores secundaristas, com o objetivo de proporcionar uma nova metodologia de apresentação das disciplinas ministradas em vários cursos, entre eles o português, francês e o latim. Esse foi “ o primeiro programa educativo transmitido pela principal emissora de rádio do país naquele período (ROMERO, 2014, p. 12).

Posteriormente, surge o Projeto Minerva, que também era um programa de rádio elaborado pelo Governo Federal, com o enfoque na educação de pessoas adultas. Por fim, em 1977 o Telecurso é fundado pelo Roberto Marinho. Também era um sistema de educação a distância, em que *teleaulas* eram apresentadas para alunos das últimas séries do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Desse modo, a partir de todas as transformações que a EaD passou, é possível entender, conforme França (2013, p. 13), que

A Educação a Distância apresenta características específicas, rompendo com a concepção da presencialidade no processo de ensino-aprendizagem. Para a EAD, o ato pedagógico não é mais centrado na figura do professor e não parte mais do pressuposto de que a aprendizagem só acontece a partir de uma aula realizada com a presença do docente e do aluno.

No Brasil, as primeiras experiências com a educação a distância ocorreram por volta do século XX. De acordo com Maia e Mattar (2007 *apud* VILLAÇA, 2010, p. 94)

três gerações de EaD se formaram no Brasil. Essas gerações serão separadas são demonstradas na tabela a seguir:

Tabela 03 – Gerações da EaD no Brasil

Geração	Forma	Recursos instrucionais e tecnológicos básicos
Primeira	Ensino por correspondência	Materiais impressos, livros, apostilas.
Segunda	Novas mídias e universidades	Rádio, vídeo, TV, fitas cassetes.
Terceira	EaD on-line	Internet, MP3, ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), vídeos, animações, ambientes 3D, redes sociais, fóruns.

Fonte: (VILLAÇA, 2010, p.94)

Nessa perspectiva, a educação a distância oferece atualmente várias opções e níveis de ensino. Há a possibilidade de realizar o Ensino Médio, graduação e pós-graduação pela EaD. Por intermédio dessa ferramenta, muitos alunos conseguem acompanhar as aulas. Entretanto, existe uma dependência muito grande da tecnologia e a necessidade que o aluno que seja mais autônomo, tendo em vista que a responsabilidade pelo aprendizado é dele.

Em síntese, é basilar dizer que a educação a distância não é uma prática nova desenvolvida no Brasil, mas tem se adaptado às demandas sociais e tem cada vez mais se firmado no sistema educacional brasileiro. Além disso, é muito utilizada por ser mais barata que as instituições privadas presenciais. Por isso, “é necessário que professores e estudantes estejam devidamente informados sobre as características e potencialidades desta modalidade de ensino, de forma a evitar conceitos equivocados e, até mesmo, crenças e preconceitos” (VILLAÇA, 2010, p.100). A tendência é que cada vez mais se multipliquem instituições e adeptos a esse sistema educacional.

Diante desse panorama, entendendo como as aulas na EaD funcionam, cabe refletir sobre qual é o papel do professor nesse sistema educacional. Tendo em vista que o professor, nessa modalidade, apenas transmite o conteúdo aos estudantes e não consegue valorizar a individualidade do aluno, assim como nos moldes tradicionais, cabe avaliar até que ponto esse sistema pode melhorar o processo de

aprendizagem. Além disso, a EaD tem um enfoque muito grande ao mercado de trabalho, produzindo conteúdo científico mas sem preocupação com a criticidade do indivíduo.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa exploratória, de estudo de caso e de abordagem qualitativa. De acordo com Raupp e Beuren, o objetivo de uma pesquisa exploratória é “de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de um determinado fato” (GIL, 2008, p. 27), o que se encaixa com os objetivos de nossa pesquisa. Já o estudo de caso, tem como premissa analisar intensivamente uma dada unidade social (GODOY, 1995, p.25) e a abordagem qualitativa busca “analisar os dados em toda sua riqueza, respeitando, tanto quanto possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.48). Para a coleta de dados vamos privilegiar a técnica dos questionários com questões abertas, em que os acadêmicos envolvidos na pesquisa poderão dissertar e expor suas opiniões na resposta, sendo que, a pesquisadora não terá controle sobre elas. Além disso, em concordância com as características da abordagem qualitativa, nossa pesquisa preocupa-se com o processo do que apenas produtos e respostas acabadas. Justamente por esse fato, a pesquisa é realizada com estudantes em fase inicial e final de formação.

Levando em consideração os apontamentos realizados acima, nossa pesquisa foi realizada com estudantes de Ensino Superior do curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês, da UTFPR, campus Pato Branco. Os pesquisados envolvidos eram dos primeiro e oitavo período, do segundo semestre de 2018. Escolhemos esse público para que pudéssemos entender as supostas diferenças existentes na concepção de aula dos alunos que entram no curso superior e que estão no primeiro período (grande parte provindos diretamente do Ensino Médio), com os alunos que já estão quase se formando – e que já tiveram a oportunidade de ministrar uma aula na fase de estágios.

Dessa forma, aplicamos um questionário com duas perguntas descritivas aos alunos, as quais eram: 1) O que é aula para você?; e 2) Que elementos são importantes para uma boa aula?. Os alunos não eram obrigados a responder à pergunta e tinham liberdade para responder o que considerassem importante. Os dados foram coletados no segundo semestre de 2018, com ambas as turmas.

Após a realização da aplicação do questionário, passamos para a análise dos dados. Tivemos 33 respostas advindas no primeiro período e outras 13 respostas advindas do oitavo período. As análises foram realizadas dando importância ao

conteúdo temático das respostas. Dessa maneira, focamos nas concepções de aula dos estudantes universitários, bem como nos elementos que esses consideram essenciais para uma boa aula.

Realizamos a digitalização das respostas dos alunos para melhor organização das informações importantes, bem como para que fosse facilitado o entendimento dos resultados da pesquisa. Os nomes dos alunos participantes da pesquisa não serão divulgados, assim, quando considerarmos as respostas deles relevantes, os numeraremos (estudante 01, 02, 03). As numerações não têm ordem, e de acordo com as perguntas os números podem se repetir, mas isso não quer dizer que se refiram ao mesmo estudante.

A seção a seguir concerne à análise e discussão dos dados e também apresenta as respostas das perguntas de pesquisa organizadas em forma de resultados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Objetivamos, com esta seção, analisar os dados coletados com os questionários aplicados com os estudantes do curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês, da UTFPR, campus Pato Branco.

Nessa perspectiva, já mencionamos anteriormente que os dados foram coletados com alunos do primeiro período e último período da graduação. Esses, são professores em formação inicial, e tiveram duas perguntas para responderem, que eram: 1) o que é aula para você?; 2) que elementos são importantes para uma boa aula?.

A seguir, apresentaremos a análise das respostas, que estão subdivididas para melhor compreensão. Em um primeiro momento, analisaremos apenas as respostas do primeiro período quanto as duas perguntas. Posteriormente, em outra seção, analisaremos como essas respostas são caracterizadas no oitavo período.

4.1 CONCEPÇÕES DE AULA NO PRIMEIRO PERÍODO

O curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês tem duração de quatro anos. Nesse período os alunos possuem várias disciplinas relacionadas com a educação, fator que influencia muito em suas convicções e práticas docentes. Nesta seção, discutiremos as respostas do primeiro período sobre as duas perguntas que regem nossa pesquisa: 1) o que é aula para você?; 2) que elementos são importantes para uma boa aula?.

Para tanto, é interessante que primeiro façamos uma pequena análise sobre a grade curricular desses estudantes. Logo no primeiro período os professores em formação já possuem duas disciplinas muito importantes sobre a educação: História da Educação e Didática. Essas, auxiliam os estudantes a compreenderem desde o início da graduação aspectos culminantes no processo de ensino-aprendizagem e da própria educação. No segundo período, os alunos também possuem duas disciplinas importantes, que são Psicologia da Educação e Didática Geral. Ainda no quarto período os alunos têm a disciplina de Linguagem e Ensino.

Dessa forma, é possível notar que entre os quatro primeiros períodos da graduação (dois primeiros anos), os alunos possuem disciplinas importantes relacionadas ao contexto histórico, social e político pelo qual a educação passou. Já no quinto período os alunos iniciam o estágio, fase em que podem aliar os conteúdos da teoria na prática, além de perceber, efetivamente, como ocorre o processo de ensino e de aprendizagem. Por isso, acreditamos que esse conjunto de disciplinas influenciam e ajudam muito os estudantes no processo de transformação de seu próprio ato docente.

Outro fator importante e válido para salientar é que, muitas vezes, os alunos que estão no primeiro período tiveram, até então, apenas participações como discentes na educação. Isso nos leva a crer que as respostas dos alunos carregam concepções e influências que seus professores, seja da Educação Básica ou de qualquer outro sistema, possuíam.

4.1.2 O que é aula para você?

Com relação a primeira pergunta realizada em nossa pesquisa, tivemos respostas variadas e que se encaixam em diferentes concepções pedagógicas. Primeiramente, analisaremos algumas respostas do primeiro período. Cabe salientar que a grande maioria dos estudantes que iniciam um curso da graduação vêm diretamente do Ensino Médio e que, portanto, as respostas realizadas, possivelmente possuem relação com o ensino em que estavam inseridos durante a Educação Básica.

Nesse viés, uma das concepções que mais encontramos nas respostas foi a de que a aula é uma transmissão de conhecimentos. O estudante 01 afirma que aula é “uma reunião para transferência de conhecimento, instruções de alguém que “sabe mais” para quem “sabe menos””. De tal maneira, essa resposta pode ser relacionada com a perspectiva tradicional, tendo em vista que nessa perspectiva “a atividade de ensinar é centrada no professor, que expõe e interpreta a matéria [...]. O aluno é, assim, um receptor da matéria” (LIBÂNEO, 2013, p. 67). Dessa forma, obtivemos outras respostas parecidas com essa, assim como a do estudante 02, que salienta que “é um momento que o professor passa o conhecimento para o aluno”, ou ainda, essa do estudante 03, que afirma: “aula para mim é quando a um transmissor de um certo conteúdo, que será explicado e transmitido a um receptor. Em sala de aula o professor será o transmissor de conteúdo, conhecimento e ensino, e o aluno será o

receptor destas informações”. Assim, a ideia de que a aula se resume em transmissão, repasse de conhecimento perpassa por essas e outras respostas.

Ademais, obtivemos respostas muito interessantes, que suscitam um modelo fora do tradicional. O estudante 04 afirma que a aula é “um período de aprendizado, em que o professor ministra um conteúdo ou promove discussão ou reflexão sobre determinado tema. Pode ser realizada em uma sala, ou mesmo ao ar livre”. Essa concepção de aula fora de um espaço determinado é muito interessante. Tal compreensão nos remete que “no espaço não convencional da aula, a relação de ensino e aprendizagem não precisa ser necessariamente entre professor e aluno, mas entre sujeitos que interagem” (XAVIER; FERNANDES, 2011, p. 226).

Outra percepção muito interessante é apontada na seguinte resposta:

Aula pode ser definida como o ato pedagógico de ensinar e aprender. Temos a ideia de que a aula é uma reunião entre o educador e o educando; entre o mestre e o aprendiz, mas a aula pode ocorrer em qualquer lugar. Se a finalidade da aula é o compartilhamento do conhecimento e o amadurecimento intelectual e humanístico, então a aula ocorrer tanto em coletivo quanto individual. Basta que haja um indivíduo em estudo para que seja aula. Dai vem os conceitos de autodidata e educação a distância, ainda que sejam formas de aula sem alguma orientação na aprendizagem identificada na figura do professor-educador. (Estudante 10)

Na resposta acima temos múltiplas considerações sobre a aula. Primeiramente, o estudante alerta que a aula pode acontecer em qualquer lugar, afirmação que tem relação com o que já mencionamos anteriormente. Ainda, apresenta a Educação a Distância como parte constituinte de uma aula, o que é muito interessante. Dessa maneira, percebe-se como a EaD é uma realidade em que muitos professores em formação já tiveram contato ou a conhecem.

Além disso, temos respostas que enfatizam a mediação do conhecimento, como papel do professor. O estudante 05 responde que “aula para mim é quando o professor faz a mediação entre o objeto de conhecimento, possibilitando a interação entre aluno e objeto, motivando o aluno de acordo com suas necessidades”. A partir dessa resposta, podemos inferir que a concepção que mais se aproxima é a escolanovista, uma vez que essa teoria visualiza o professor como mediador do contexto de aluno com a aprendizagem. Essa concepção pauta-se na centralidade do educando, na qual a escola é um espaço aberto para a iniciativa dos alunos. Esses, interagem entre si e com o professor e são protagonistas da própria aprendizagem (SAVIANI, 2005, p. 2). Ainda nessa lógica, o estudante 05 aponta que “aula é quando há uma interação entre nós e professor, onde cada um contribui com a aula com o

que sabe e aprende o que os outros sabem”. Tal resposta também se encaixa nos ideais da Escola Nova, visto que aponta a interação entre professor e aluno na construção do conhecimento.

Ainda quanto as respostas dos estudantes do primeiro período, percebemos respostas que pontuavam o diálogo como participante do processo de aprendizagem. O estudante 07 afirma que a aula “é um período de conhecimento e discussão, aonde o professor e aluno “trocam” experiências sobre determinado assunto. O professor repassa seu conhecimento científico em um processo de aprendizagem”. Desse modo, conseguimos encontrar resquícios da Pedagogia Histórico-Crítica, que, segundo Libâneo (2013, p. 72), possui relação com o materialismo histórico dialético, e valorizava o professor como agente transformador. O autor ainda afirma que, para essa concepção, era importante o domínio sólido dos conteúdos científicos do ensino por parte de professores e alunos, já que essa era uma ferramenta muito importante de luta social. A resposta a seguir, do estudante 08, também se encaixa na concepção mencionada acima: “é dada em forma de diálogo, onde o estudante consegue aprender com a experiência do professor, sendo que tal deve ter domínio do conteúdo discutido. Porém, o aluno também pode compartilhar o seu conhecimento e suas experiências”.

Para mais, a resposta do estudante 09 apresenta uma ideia libertária. Ele afirma que aula é “um espaço onde podemos expressar nos pensamentos, debater uns com os outros, aprender coisas novas”. Dessa maneira, a Pedagogia Libertadora é visível como parte constitutiva da resposta, pois nesse modelo há um diálogo constante, em que acontecem trocas de experiências vividas, pesquisa participante, trabalhos em grupo e outras atividades que permitiam a dialogia. Ainda, a resposta do estudante 07 também condiz com A Pedagogia Libertadora, tendo em vista que o aluno postula que

a minha concepção aula é o conhecimento compartilhado entre um grupo. Em diversos níveis de conhecimento, onde existe uma construção, e cada indivíduo filtra o que acha de mais importante ou que gosta mais. Saindo do método mais tradicional, uma busca na aula o conhecimento que acha mais viável. Aula é uma conexão entre pessoas de um grupo em busca do conhecimento.

Tabela 04 – Classificação de algumas respostas do primeiro período quanto a pergunta “o que é aula para você”.

RESPOSTAS QUE CONDIZEM COM A PEDAGOGIA TRADICIONAL
Aula é uma forma de transmitir conhecimento com o propósito de exercitar o pensamento de uma pessoa

Transmissões de conhecimento entre alunos e professores.
Aula para mim é quando a um transmissor de um certo conteúdo, que será explicado e transmitido a um receptor. Em sala de aula o professor será o transmissor de conteúdo, conhecimento e ensino, e o aluno será o receptor destas informações.
RESPOSTAS QUE CONDIZEM COM A ESCOLA NOVA
Aula é quando há uma interação entre nós e professor, onde cada um contribui com a aula com o que sabe e aprende o que os outros sabem.
RESPOSTAS QUE CONDIZEM COM O TECNICISMO
É um momento de discussão e distribuição de conhecimento
É um termo para que o professor tenha onde usará seu conhecimento para o entendimento do educando, possibilitando com métodos diferenciados o ensino de qualidade. Possibilitar aos alunos tirar dúvidas nesta aula é um momento de descoberta e aprendizado do conteúdo posto.
RESPOSTAS QUE CONDIZEM COM A PEDAGOGIA HISTÓRICO CRÍTICA
Processo de aprendizado onde necessita de um emissor (professor) e o ouvinte e no caso o aluno, mas em meu ver aula não é só um falar e outro ouvir, sim quando a diálogo em ambas as partes, trocas de informações.
Aula é um período de conhecimento e discussão, aonde o professor e aluno “trocam” experiências sobre determinado assunto. O professor repassa seu conhecimento científico em um processo de aprendizagem.
RESPOSTAS QUE CONDIZEM COM A PEDAGOGIA LIBERTADORA
Um espaço onde podemos expressar nos pensamentos, debater uns com os outros, aprender coisas novas.
A minha concepção aula é o conhecimento compartilhado entre um grupo. Em diversos níveis de conhecimento, onde existe uma construção, e cada indivíduo filtra o que acha de mais importante ou que gosta mais. Saindo do método mais tradicional, uma busca na aula o conhecimento que acha mais viável. Aula é uma conexão entre pessoas de um grupo em busca do conhecimento.

4.1.3 Que Elementos são Importantes para uma Boa Aula?

Nesta seção, analisaremos as respostas da segunda pergunta realizada aos professores em formação. A pergunta era: que elementos são importantes para uma boa aula?. A partir desse questionamento, os alunos poderiam dissertar da maneira que achassem conveniente. Assim como na seção anterior, abordaremos, em um primeiro momento, as respostas do primeiro período e, posteriormente, as respostas do oitavo período. Ambas as respostas trouxeram abordagens variadas, as quais analisaremos a seguir.

A primeira resposta, do estudante 01, declara que é necessário

1º dominar o assunto. 2º saber expor ou distribuir seu conhecimento. 3º Fazer com que o aluno se interesse pelo assunto por chatos que as vezes possa ser.

4º usar o maior número de ferramentas possíveis que se adapte a aula. Vídeos, textos, filmes, quando possível.

Levando em consideração a resposta acima, é possível inferir que ela tem correlação com o modelo da pedagogia tradicional e também tecnicista. Isso porque, inicialmente o estudante aborda a “distribuição” do conhecimento, situação que possui muita ligação com a pedagogia tradicional, como já mencionamos em outras análises. Quanto ao tecnicismo, a própria organização de seu discurso, enumerando qual é a ordem dos elementos, também lembra o ensino por intermédio das técnicas. Assim, cabe lembrar que no tecnicismo a aula é “invadida por materiais de instrução programada e instrução modelar, técnicas e recursos audiovisuais e forte utilização do livro didático” (SILVA, 2010, p.34), que também se relaciona com o que o estudante afirma serem componentes da aula.

Além disso, outra resposta que pode caracterizar a pedagogia tradicional é a do estudante 10, que alega que é elemento importante de uma aula é “onde todos colaborem fiquem em silêncio”. Segundo, Libâneo (2013, p. 193) a ideia de um professor expondo conteúdos “é a conhecida aula expositiva, tão criticada por todos e, apesar disso, amplamente empregada em nossas escolas”. De tal maneira, possivelmente, esse estudante era habituado a conviver com esse tipo de aula e, por isso, considera comum que essa seja a maneira ideal de colocá-la em prática. Quanto a isso, Freire nos apresenta convicções que vão de encontro com as nossas, quando afirma que é “interessante observar que a minha experiência discente é fundamental para a prática docente que terei amanhã ou que estou tendo agora simultaneamente com aquela” (1996, p. 35).

Outro apontamento presente em muitas respostas é o domínio de conteúdo. Para alguns estudantes, o professor precisa conhecer a assunto do qual leciona as aulas. Tal situação pode ser comprovada com a resposta do estudante 02, que afirma que é necessário o “domínio do conteúdo ou do assunto por parte de quem ensina, atenção por parte de quem aprende; saber discutir e expressar novas opiniões”. O estudante 03 afirma que é necessária “interação, didática, diálogo, exposição, sintonia, conhecimento sobre o que vai ser transmitido”. Ademais, o estudante 04 também tem a mesma percepção, pois declara que

Posso tirar proveito de qualquer aula, mas uma aula excelente mesmo, é quando estudo de um conteúdo que eu realmente gosto. Além disso, o professor deve realmente dominar o conteúdo aplicado e falar de forma clara. É preciso também colaboração da parte dos alunos, para haver um entendimento mútuo.

Nesse sentido, podemos entender a formação de professores como um elemento importante para o desenvolvimento da aula. De acordo com Libâneo (2013, p. 26), a formação de professores abrange duas dimensões: a formação teórico-científica e a formação técnico-prática. Segundo ele, essas dimensões não podem ser analisadas de maneira isolada, tendo em vista que “a formação do professor implica, pois, uma contínua interpenetração entre teoria e prática, a teoria vinculada aos problemas reais postos pela experiência prática e ação prática orientada teoricamente” (LIBÂNEO, 2013, p. 27). Assim, entende-se que apenas o domínio e conhecimento do conteúdo pode não ser suficiente para o real aprendizado dos alunos.

Seguindo essa linha de raciocínio, o estudante 05 afirma que o professor deve “dialogar com os alunos e não apenas passar o conteúdo”. De tal maneira, essa resposta tem estreita relação com o que abordamos no parágrafo anterior, uma vez que apenas ter conhecimento sobre a disciplina possa não ser eficiente para a qualidade do ensino e aprendizagem. Assim, é importante ressaltar a didática como fator preponderante nas aulas, visto que ela se caracteriza “como que uma ponte entre “o quê” e “como” do processo pedagógico escolar” (LIBÂNEO, 2013, p. 27). Algumas outras respostas argumentam que a didática é um dos componentes de uma aula, bem como a resposta 06, que considera como relevante “a metodologia abordada pelo professor, método de ensino, a didática do professor a explicar o conteúdo, debates em classe e a colaboração de todos os alunos para que seja dada sem interrupção”. Desse modo, já há nos alunos do primeiro período uma consideração à didática.

Ademais, existem também diversas referências ao diálogo como elemento importante para uma boa aula. O estudante 07 afirma que é necessário haver uma “mente aberta do professor de preferência uma aula expositiva dialogada, onde professor possa aprender com o aluno e o aluno possa aprender com o professor”. O estudante 08, seguindo essa mesma linha de pensamento, diz que é preciso de “ambiente agradável, uma boa conversa, aulas expositivas dialogada”, bem como o estudante 09 que expõe a necessidade do “diálogo e que o professor busque meios que ajudem no aprendizado. Como por exemplos vídeos, slides, exemplificando de forma simples o conteúdo”. Existem outras respostas com esse caráter e que se baseiam no diálogo como elemento fundamental da aula. Nessa congruência, Libâneo (2013, p. 103, grifos do autor) afirma que

O envolvimento do aluno no estudo ativo depende de que o ensino seja organizado de tal forma que as “dificuldades” (na forma de perguntas,

problemas, tarefas, etc.) tornem-se problemas subjetivos na mente do aluno, provoquem nele uma “tensão” e vontade de superá-las.

Dessa maneira, a partir de uma aula dialogada, em que o aluno tem a oportunidade de interagir e participar ocorre a efetiva aprendizagem. Como o próprio autor do excerto acima salienta, o aluno sente vontade de superar as dificuldades e contribuir com seu processo de ensino. É muito interessante perceber que os alunos do primeiro período já apontam esse quesito como importante para o desenvolvimento da aula. Ainda sobre esse aspecto, o qual consideramos fundamental para o desenvolvimento da aula, Paulo Freire (1996, p.33) afirma que o essencial é “que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos”.

Ainda quanto as respostas dos estudantes do primeiro período, observamos uma situação relevante: apenas uma das respostas alegou que o planejamento fosse importante para o desenrolar da aula. Essa resposta foi do estudante 09, que salienta que “planejamento, diálogo, interesse, finalidade” são os componentes importantes da aula. Quanto à essa questão, levamos em consideração a ideia de que “o processo de ensino, através das aulas, possibilita o encontro entre alunos e a matéria de ensino preparada didaticamente no plano de ensino e nos planos de aula” (LIBÂNEO, 2013, p. 195). O autor ainda alega que a aula é uma atividade intencional e planejada, que precisa de organização para que atinja os objetivos do ensino (LIBÂNEO, 2013, p.197).

4.2 CONCEPÇÕES DE AULA NO OITAVO PERÍODO

A partir de agora, abordaremos outro panorama quanto as respostas de nossa pesquisa. Analisaremos as respostas do oitavo período do curso de Licenciatura em Letras e, assim, faremos correlação com as perspectivas pedagógicas. Nessa etapa da graduação, os estudantes já tiveram a oportunidade de estar em sala de aula como docentes e participar do processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

Primeiramente, é importante acentuar que as grades curriculares do primeiro e do oitavo período são diferentes. Isso porque, no segundo semestre de 2015 a grade passou por uma reformulação e, desse modo, o oitavo período é a última turma com a grade antiga.

Na matriz curricular antiga, os alunos não possuíam disciplinas sobre o processo educativo no primeiro período. Essas disciplinas só eram incluídas no segundo período, que eram: Educação e Tecnologia e História da Educação. No terceiro período havia a disciplina de Psicologia da Educação e, no quarto período, a disciplina de Didática Geral. Ainda havia, no quinto período a matéria de Políticas Educacionais e Gestão Escolar. Outro fator que diferencia essas grades curriculares é que os alunos iniciavam o estágio apenas no sexto período. A partir dessa nova grade os alunos iniciam o estágio ainda no quinto período.

4.2.1 O que é aula para você?

Nas respostas correspondentes aos alunos do oitavo período, encontramos diferentes concepções presentes em seus discursos. O estudante 01 argumenta que “aula para mim, é aquele momento em que eu paro para me expor a receber algum tipo de aprendizado, de alguém ou de uma determinada área de conhecimento... aula = transmissão de saberes”. Percebe-se um ponto de vista que tende para a Pedagogia Tradicional, isso porque é justamente nessa teoria em que acredita-se na transmissão de saberes. Como já mencionamos, nessa lógica o aluno apenas recebe um conhecimento que vem pronto.

Ademais, encontramos mais uma resposta que visa o tradicional. Essa, todavia, já é postulada como tradicional pelo próprio autor (estudante 02), que considera que “aula é um momento destinado para diálogo sobre determinado assunto. Nela, em sua forma tradicional, há o professor, que detém a maior bagagem de conhecimento, e os estudantes que estão lá para receber conhecimentos”.

Em outra resolução da pergunta, o estudante 03 declarou que “para mim, aula é definida como um momento na qual se aprende e se ensina algo. Acrescento ainda que uma aula ocorre por meio da participação tanto do aluno, bem como do professor. Numa aula ocorre a disseminação do saber”. É possível relacionar essa resposta com os ideais da Escola Nova, pois nessa perspectiva o aprendizado é o foco, uma vez que o aluno precisa aprender a aprender. De acordo com Saviani (2005, p. 2) a Escola Nova possui relação com a prescrição de “regras e diretrizes a serem seguidas pela prática e resumindo-se aos enunciados que vierem a emergir da própria atividade prática desenvolvida pelos alunos com o acompanhamento do professor”.

Em muitas outras respostas, foi possível identificar a Pedagogia Libertadora como base das respostas. Cabe reafirmar que nessa perspectiva educacional “a atividade escolar é centrada na discussão de temas sociais e políticos; poder-se-ia falar de um ensino centrado na realidade social” (LIBÂNEO, 2013, p. 73). A resposta do estudante 02 possui essas características, uma vez que salienta

Aula é um momento de aprendizado e trocas de experiências entre professor e aluno, pois ambos possuem uma história e um determinado conhecimento que é partilhado nesse momento. A partir disso, esse processo envolve muito mais do que um repasse de conhecimentos científicos sistematizados, pois o aluno é visto como um sujeito transformador e atuante que deve ser estimulado e orientado a construir o seu próprio conhecimento e participar ativamente da sociedade.

À vista da resposta acima, encontramos a percepção do aluno como sujeito transformador, o que se relaciona com os ideais de Paulo Freire, o qual afirma que “nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (1996, p. 13). Nessa lógica, outras respostas aparecem com esse mesmo perfil, como a resposta do estudante 03, que alega que

Aula é o momento e também o espaço privilegiado do processo de ensino-aprendizagem. É também o momento e o espaço de interação entre o conhecimento acadêmico mescla-se ao conhecimento de mundo do professor e do aluno, lugar de debate e construção contínua do saber. É também local de conflitos, que constroem-se ou constituem-se como obstáculos ao trabalho do professor e do aluno. É o cerne do conhecimento.

Tabela 05 – Classificação de algumas respostas do oitavo período quanto a pergunta “o que é aula para você”.

RESPOSTAS QUE CONDIZEM COM A PEDAGOGIA TRADICIONAL
Aula é um momento destinado para diálogo sobre determinado assunto. Nela, em sua forma tradicional, há o professor, que detém a maior bagagem de conhecimento, e os estudantes que estão lá para receber conhecimentos.
Aula para mim, é aquele momento em que eu paro para me expor a receber algum tipo de aprendizado, de alguém ou de uma determinada área de conhecimento... aula = transmissão de saberes
RESPOSTAS QUE CONDIZEM COM A PEDAGOGIA HISTÓRICO CRÍTICA
Aula é o momento de construção de conhecimento, onde professor e aluno, de forma democrática e crítica trocam experiências, compartilham conhecimentos e constroem seu aprendizado.
RESPOSTAS QUE CONDIZEM COM A PEDAGOGIA LIBERTADORA
Aula é o momento e também o espaço privilegiado do processo de ensino-aprendizagem. É também o momento e o espaço de interação entre o conhecimento acadêmico mescla-se ao conhecimento de mundo do professor e do aluno, lugar de

debate e construção contínua do saber. É também local de conflitos, que constroem-se ou constituem-se como obstáculos ao trabalho do professor e do aluno. É o cerne do conhecimento

Aula é um momento de aprendizado e trocas de experiências entre professor e aluno, pois ambos possuem uma história e um determinado conhecimento que é partilhado nesse momento. A partir disso, esse processo envolve muito mais do que um repasse de conhecimentos científicos sistematizados, pois o aluno é visto como um sujeito transformador e atuante que deve ser estimulado e orientado a construir o seu próprio conhecimento e participar ativamente da sociedade.

Aula é o lugar onde o professor irá juntar o seu conhecimento teórico e aplicar aos seus alunos. Também é o lugar em que o aluno inicia seu papel de cidadão crítico e expõe sua opinião sobre sua realidade.

Desse modo, é visível como diferentes concepções são notáveis em ambos os períodos da graduação. Percebe-se, no entanto, que as concepções do oitavo período variam menos que as dos alunos da fase inicial do curso. Assim, é possível inferir que após cursarem praticamente todas as disciplinas e participarem dos estágios, ocorre uma transformação dos professores em formação quanto a maneira de pensar e refletir sobre a prática docente.

4.2.2 Que elementos são importantes para uma boa aula?

Passando para a análise das perguntas do oitavo período. Um primeiro fato interessante possui relação com o planejamento, foi possível verificar uma preocupação maior por parte desses alunos quanto a esse fator. Observemos as respostas dos estudantes:

Boa formação do professor; planejamento adequado a realidade dos alunos/turma; metodologia adequada; materiais de qualidade; recursos (projeto, computadores, estrutura de sala de aula); envolvimento dos estudantes e das famílias no processo educativo; respeito entre os membros envolvidos (aluno, professor, pedagogos, direção, pai e demais funcionários). (Estudante 01)

Creio que os elementos importantes para uma boa aula são um bom planejamento, uma boa interação entre professores e alunos, domínio de conhecimento do professor, além de ser preciso proporcionar os alunos momentos de discussões sobre os conteúdos. Acredito também que um elemento importante é domínio da turma, o que demonstra a confiança do professor em estar frente à turma. Também penso que uma boa aula se dá na construção do conhecimentos gerados a partir do que os alunos já conhecem. (Estudante 02)

Sujeitos aprendizes e professores (como mediador) interessados em aprender e ensinar; bom planejamento, metodologia; recursos necessários a uma boa aula para facilitar a comunicação, o entendimento, exemplo um boa estrutura física, recursos tecnológicos [...]. (Estudante 03)

Nesse viés, acreditamos que os estudantes do oitavo período compreendem o planejamento como parte importante da aula. Acreditamos que isso ocorre pelo fato de já terem realizados os estágios obrigatórios do curso. Assim, eles já puderam estar

em contato com a sala de aula e entender qual é a real importância de se planejar uma aula. Outro aspecto muito interessante é que o estudante 01 ressalta que o planejamento deve ser adequado a realidade dos alunos/turma, o que é fundamental, pois “as raízes do problema estão muito além da sala de aula, estão na sociedade e no mundo” (SHOR; FREIRE, 1986, p. 27). Consideramos, dessa forma, o entendimento do contexto em que o aluno está inserido como fundamental à prática docente, pois, tal concepção “se opõe aos métodos passivos e silenciadores da transferência de conhecimento. Os alunos partilham da iluminação de diversas realidades” (SHOR; FREIRE, 1986, p. 70), e precisamos entendê-las.

Outras respostas também abordam a necessidade de uma boa estrutura física para a aula. Nesse viés, o estudante 04 postula que é preciso de “uma boa estrutura física, recursos tecnológicos”, o estudante 05 afirma que é importante que hajam “instalações físicas adequadas” e o estudante 06 alega que um dos elementos para a aula é um “espaço adequado e ferramentas adequadas que auxiliem o professor”. Nesse panorama, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), deveria haver uma organização e estrutura física adequada em todas as escolas, justamente para que, implicassem na valorização do trabalho do professor. Todavia, é perceptível e sabido que essa garantia não é tão garantida assim e que as escolas brasileiras possuem pouca ou quase nenhuma estrutura física adequada ao processo de aprendizagem.

Em outras perspectivas, os professores em formação salientam a necessidade de clareza na explicação dos conteúdos, com o uso de uma linguagem que os alunos possam entender. O estudante 04 afirma que é considerável que exista “didática no momento de passar o conteúdo; clareza, atenção ao passar os tópicos. Respeito é importante, tanto da parte do professor, quanto do aluno”. Também nessa linha de pensamento, o estudante 05 postula que “é preciso que as ideias sejam claras e que os interlocutores entendam o que locutor esteja comunicando”. Assim, vamos, mais uma vez, ao que afirma Paulo Freire, no que se relaciona com a aplicação dos conteúdos. O autor afirma que

Não posso apenas falar bonito sobre as razões ontológicas, epistemológicas e políticas da Teoria. O meu discurso sobre a Teoria deve ser o exemplo concreto, prático, da teoria. Sua encarnação. Ao falar da construção do conhecimento, criticando a sua extensão, já devo estar envolvido nela, e nela, a construção, estar envolvendo os alunos (FREIRE, 1996, p. 27).

Por fim, falamos em escola democrática, em que os alunos podem dialogar, expor opiniões, interagir e participar do processo de aprendizagem. Dessa forma, o estudante 06 afirma que é preciso que ocorra a “compreensão dos sentimentos, ser mais humanos”. O estudante 07 salienta que é “preciso proporcionar os alunos momentos de discussões sobre os conteúdos”, bem como o estudante 08, que considera que “uma boa aula é aquela que envolve e faz refletir”. Todas essas afirmações são muito pertinentes, pois remetem a um olhar semelhante ao da Pedagogia Libertadora, de Paulo Freire. A partir disso, corroboramos que

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 1996, p.33).

Diante do exposto, podemos afirmar que ambas as respostas, tanto do primeiro quanto do oitavo período, possuem ricas considerações. É perceptível que, como são em maior número, é possível fazer uma análise maior das respostas dos alunos no primeiro período. Contudo, os apontamentos realizados pelos alunos em fase final da graduação também são muito interessantes e trazem muitas contribuições para que seja possível entender como se molda a concepção de aula dos alunos em um curso de Licenciatura.

Além disso, mesmo com o fato de que as grades de primeiro e oitavo período não são as mesmas, percebe-se que o processo de formação possui um valor significativo das concepções e práticas dos estudantes. Acreditamos que o estágio seja um fator preponderante para que as concepções realmente fossem internalizadas pelos professores em formação, uma vez que a teoria pode ser aliada e repensada na prática.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou analisar qual é o perfil docente que está se moldando durante a graduação de Licenciatura em Letras Português-Inglês, a partir de um questionamento sobre as concepções sobre aula advindas dos professores em formação inicial. Para isso, realizamos com alunos do primeiro e oitavo período do curso supracitado, um questionário com duas perguntas dissertativas, que eram: 1) o que é aula para você?; que elementos são importantes para uma boa aula?.

A metodologia utilizada foi a de cunho qualitativo, com pesquisa exploratória e estudo de caso. As perguntas que guiaram nossa pesquisa foram: o que é aula? Quais elementos contemplados configuram uma boa prática pedagógica e se corporificam na aula? A concepção de aula de cada professor influencia no perfil e na prática docente?

Por intermédio de análise interpretativa das respostas que realizamos com os professores em formação, bem como de nossa base teórica, concluímos que a formação no curso de licenciatura é muito importante, pois está extremamente vinculada às concepções teórico-metodológicas que se formam durante o período de graduação. Desse modo, foi perceptível que no primeiro período, quando os alunos ainda estão no início da formação, existem várias concepções e vários pensamentos em uma mesma turma quanto a ideia de aula. Com o decorrer das aulas e do estágio, até chegar ao final do curso, essas ideias modificam-se e possuem mais uniformidade, assim como foi possível perceber no oitavo período.

Todavia, essa corporificação de teorias e ideais não ocorre de maneira integral. Percebemos que grande parte dos alunos do oitavo período pensa em planejamento, na didática e na aula como um processo dialógico, crítico e que desenvolve o estudante. Entretanto, também existem alguns conceitos pertencentes à escola Tradicional que ainda permanecem nas concepções dos professores em formação.

Quanto ao currículo e a matriz curricular dos cursos, como já abordado nas seções anteriores, eles eram diferentes no primeiro e oitavo período, pois passaram por modificações no decorrer do curso. O currículo do primeiro período foi reelaborado justamente para que os professores em formação tivessem uma grade mais completa. Desse modo, é perceptível que os graduandos, atualmente, possuem duas disciplinas que envolvem a didática (didática e didática geral) logo no primeiro semestre do curso,

o que não acontecia anteriormente. Consideramos muito importante a participação dessa disciplina de maneira mais completa na matriz curricular, uma vez que oportuniza aos alunos logo no início da graduação um diálogo e aprendizado com princípios teóricos na área da didática.

Em suma, foi possível perceber que a concepção que está se moldando no curso de licenciatura em Letras Português-Inglês da UTFPR, campus Pato Branco, tende para a Pedagogia Histórico-Crítica e para a Pedagogia Libertadora. Isso porque, a maior parte das respostas possuía características similares com essas concepções. Ademais, tanto os estudantes em fase inicial quanto final da graduação já alegam que o espaço para a sala de aula não precisa ser delimitado por uma estrutura física, ou seja, a aula pode ocorrer em vários locais. Julgamos que essa menção dos estudantes do primeiro período seja pelo fato de que, no ato da coleta de dados, já terem tido contato com mais de cinquenta por cento dos conteúdos da disciplina de didática. Ainda, houve em algumas respostas uma correlação com a EaD. Dessa maneira, é notável que esse sistema de ensino está expandindo e faz parte da formação e da conceituação desses professores em formação.

Por fim, podemos afirmar que as concepções pedagógicas se misturam com o movimento de cada pessoa no mundo, com as concepções individuais que cada um possui. Outro fator importante perceptível por meio de nossa pesquisa foi que é fundamental que haja uma compreensão teórica para elaboração da prática. Posterior a isso, há a necessidade de voltar-se à teoria para que seja possível a reelaboração da própria prática. Esse ciclo é contínuo, tendo em vista que o professor nunca pode acreditar que já aprendeu tudo. A reflexão pedagógica precisa ser constante para que a prática também esteja em constante evolução.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

DINIZ, Josiane; AMARAL, Silvia Cristina Franco. A avaliação na Educação Física Escolar: Uma Comparação entre as Escolas Tradicional e Ciclada. **Movimento**, Porto Alegre, v.15, n.01, p.241-258, jan. 2009. Trimestral.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda, Schimidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. São Paulo: 1995. p. 20-29. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3>>. Acesso em: 01, jun, 2018.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim; LEAL, Maria Rute. SOBRE POSITIVISMO E EDUCAÇÃO. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 3, n. 7, p.89-94, dez. 2002. Trimestral. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/4897/4855>>. Acesso em: 22 set. 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Formação de Professores e Didática para Desenvolvimento Humano**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 629-650, 2015.

_____. **Didática**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

NÓVOA, Antônio. **Relação Escola/Sociedade: novas respostas para um velho problema**. São Paulo: 1994.

ROMERO, Maria Helena Cicci. **Universidade do AR: em foco a primeira iniciativa de formação de professores universitários via rádio no Estado Novo (1941-1944)**. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13976/1/UniversidadeArFoco.pdf>. Acesso 09 nov. 2018.

SAVIANI, Demerval. **As concepções pedagógicas na história da educação brasileira**. Campinas: 2005. Disponível em: http://www.janduarte.com.br/textos/educacao/concepcoes_pedagogicas.pdf. Acesso em: 08, ago 2018.

_____. **Escola e democracia**. 32 ed. São Paulo: Autores Associados, 1999.

SHELBAUER, Anaete Regina. **O método intuitivo e lições de coisas no Brasil do século XIX**. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena C. História e Memórias da Educação no Brasil. Vol. II – Século XIX. Petrópolis: Vozes, 2ª Ed., 2006, p. 132-149.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SILVA, Ana Angélica da et al. A aula no contexto histórico global: pensamentos e reflexões. Brasília: Universitas Humanas, v. 2, jun. 2012. Semestral. Disponível em: <<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/universitashumanas/article/view/2131/1821>>. Acesso em: 11, mai 2018.

SILVA, Edileuza Fernandes. A aula no contexto histórico In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Aula: Gênese, dimensões, princípios e práticas**. 2. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2011. Cap. 9. p. 15-42

VIDAL, Eloísa Maia; MAIA, José Everardo Bessa. **Introdução à Educação a Distância**. [s.l]: Rds, 2010, 44p.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. **Educação a Distância e TecnologiaS**: conceitos, termos e um pouco de história. Revista Magistro, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p.89-101, jul. 2010. Semestral. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/download/1197/801>>. Acesso em: 15 out.2018.

XAVIER, Odiva Silva; FERNANDES, Rosana César de Arruda. A aula em espaços não convencionais. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Aula: Gênese, dimensões, princípios e práticas**. 2. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2011. Cap. 9. p. 225-266

http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Anaete_R_Schelbauer2_artigo.pdf

APÊNDICE B – Declaração de Autoria



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Profissional
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Sistema de Bibliotecas

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Autor¹: Giseli Gotz

CPF¹: 098.753.399-11

Código de Matrícula¹: 1368230

Telefone¹:(46) 9 99212725

e-mail¹: giseligotz1@gmail.com

Curso/Programa de Pós-graduação: Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês

Orientador: Franciele Clara Peloso

Coorientador:

Data da defesa: 29/11/2018

Título/subtítulo: Concepções de aula: análise do perfil docente dos estudantes do curso de Licenciatura em Letras da UTFPR Pato Branco

Tipo de produção intelectual: (x) TCC² () TCCE³ () Dissertação () Tese

Declaro, para os devidos fins, que o presente trabalho é de minha autoria e que estou ciente:

- dos Artigos 297 a 299 do Código Penal, Decreto-Lei no 2.848 de 7 de dezembro de 1940;
- da Lei no 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, sobre os Direitos Autorais,
- do Regulamento Disciplinar do Corpo Discente da UTFPR; e
- que plágio consiste na reprodução de obra alheia e submissão da mesma como trabalho próprio

ou na inclusão, em trabalho próprio, de ideias, textos, tabelas ou ilustrações (quadros, figuras, gráficos, fotografias, retratos, lâminas, desenhos, organogramas, fluxogramas, plantas, mapas e outros) transcritos de obras de terceiros sem a devida e correta citação da referência.

Giseli Gotz
Assinatura do autor¹

41 de dezembro de 2018
Local e data

¹ Para os trabalhos realizados por mais de um aluno, devem ser apresentados os dados e as assinaturas de todos os alunos.

² monografia de Curso de Graduação

³ monografia de Curso de Especialização.

APÊNDICE C – Termo de Autorização para Publicação



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Profissional
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Sistema de Bibliotecas

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO, DISSERTAÇÕES E TESES NO PORTAL DE INFORMAÇÃO E NOS CATÁLOGOS ELETRÔNICOS DO SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UTFPR

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UTFPR a veicular, através do Portal de Informação (PIA) e dos Catálogos das Bibliotecas desta Instituição, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o texto da obra abaixo citada, observando as condições de disponibilização no item 4, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, visando a divulgação da produção científica brasileira.

1. Tipo de Produção Intelectual: (x) TCC¹ () TCCE² () Dissertação () Tese

2. Identificação da Obra:

Autor³: Giseli Gotz

RG³: 11.131.207-9

CPF³: 098.753.399-11

Telefone³: (46) 9 9921-2725

e-mail³: giseligotz1@gmail.com

Curso/Programa de Pós-Graduação: Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês

Orientador: Franciele Clara Peloso

Coorientador:

Data da Defesa: 29/11/2018

Título/Subtítulo (português): Concepções de aula: análise do perfil docente dos estudantes do curso de Licenciatura em Letras da UTFPR Pato Branco

Título/Subtítulo em outro idioma: Class conception: analysis of the teaching profile of undergraduate students in Letters of UTFPR Pato Branco

Área de Conhecimento do CNPq: Educação

Palavras-chave: Concepções de aula. Professores em formação. Perfil docente.

Palavras-chave em outro idioma: Conceptions of class. Teachers in training. Teacher profile.

3. Agência(s) de fomento (quando existir): _____

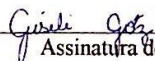
4. Informações de disponibilização do documento:


Restrições para Publicação: () Total⁴ () Parcial⁴ (x) Não Restringir

Em caso de restrição total, especifique o porquê da restrição: _____

Em caso de restrição parcial, especifique capítulo(s) restrito(s): _____

Pato Branco, 11 de dezembro de 2018


Assinatura do Autor³


Assinatura do Orientador

¹TCC – monografia de Curso de Graduação.

²TCCE – monografia de Curso de Especialização.

³Para os trabalhos realizados por mais de um aluno, devem ser apresentados os dados e as assinaturas de todos os alunos.

⁴ A restrição parcial ou total para publicação com informações de empresas será mantida pelo período especificado no Termo de Autorização para Divulgação de Informações de Empresas. A restrição total para publicação de trabalhos que forem base para a geração de patente ou registro será mantida até que seja feito o protocolo do registro ou depósito de PI junto ao INPI pela Agência de

APÊNDICE D – Declaração de Autoria

APÊNDICE D



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
 Câmpus Pato Branco
 Departamento Acadêmico de Letras
 Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês
 Coordenação de TCC



DECLARAÇÃO: ENTREGA DE TCC – VERSÃO DIGITAL (.pdf)

Declaro, para os devidos fins, que o **acadêmico abaixo relacionado** realizou as correções solicitadas pela Banca de Defesa, bem como organizou o seu TCC, em versão digital, de acordo com o Manual de Normas da UTFPR, observando, ainda, as orientações recebidas, na data da defesa, do Professor Responsável pelo TCC.

Acadêmico: Giseli Gotz

Orientador: Franciele Clara Peloso

Título do TCC: Concepções de aula: análise do perfil docente dos estudantes do curso de Licenciatura em Letras da UTFPR Pato Branco

Assinatura do Orientador

PARA USO DO PROFESSOR RESPONSÁVEL PELO TCC:

Data do recebimento: _____ de _____ 20_____

Assinatura do Professor
 Responsável pelo TCC